



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES – DLA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

**CONCEPÇÕES DE ESCRITA EM PROPOSTAS DE PRODUÇÃO
TEXTUAL: O VESTIBULAR DA UEPB E O ENEM EM FOCO**

CAROLINA HERCULANO COSTA

CAMPINA GRANDE – PB

2012

CONCEPÇÕES DE ESCRITA EM PROPOSTAS DE PRODUÇÃO TEXTUAL: O VESTIBULAR DA UEPB E O ENEM EM FOCO

CAROLINA HERCULANO COSTA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Coordenação do Curso de Letras – Língua Portuguesa – da Universidade Estadual da Paraíba, como pré-requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Orientador: Prof. Ms. Manassés Morais Xavier

CAMPINA GRANDE – PB

2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

C837c

Costa, Carolina Herculano.

Concepções de escrita em proposta de produção textual [manuscrito]: a vestibular da UEPB e o ENEM em foco / Carolina Herculano Costa. – 2012.

25f. : il.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Prof. Me. Manassés Morais Xavier, Departamento de Letras”.

1. Escrita 2. Gêneros Textuais 3. Letramento
I. Título.

21. ed. CDD 372.63

**CONCEPÇÕES DE ESCRITA EM PROPOSTAS DE PRODUÇÃO
TEXTUAL: O VESTIBULAR DA UEPB E O ENEM EM FOCO**

CAROLINA HERCULANO COSTA

BANCA EXAMINADORA

Aprovada em 10/12/2012

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Língua Portuguesa.

Manassés Morais Xavier

Prof. Ms. Manassés Morais Xavier (UEPB)

Orientador

Cícero Gabriel dos Santos

Prof. Ms. Cícero Gabriel dos Santos (UEPB)

Examinador

Roberta Soares Paiva

Profª. Ms. Roberta Soares Paiva (UEPB)

Examinadora

CONCEPÇÕES DE ESCRITA EM PROPOSTAS DE PRODUÇÃO TEXTUAL: O VESTIBULAR DA UEPB E O ENEM EM FOCO

COSTA, Carolina Herculano ¹

RESUMO

O presente trabalho discute sobre as concepções de escrita presentes nos enunciados do caderno de redação do concurso vestibular da UEPB (Universidade Estadual da Paraíba) nos anos de 2011/2012, como também do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) em 2010 e 2011, realizando uma abordagem sociointeracionista. Nestes termos, sua finalidade consistiu em analisar as propostas de produção textual dos referidos concursos, atenuando a questão da importância dos gêneros textuais para tal abordagem. No que se refere às concepções de escrita tivemos contribuições teóricas Bronckart (2006), Bazerman (2007) e Garcez (2004), sobre os gêneros textuais e as práticas de letramentos recebemos contribuições de Nascimento e Zeroni (2009), dentre outros. Em linhas gerais, os resultados nos apontam uma preocupação dos elaboradores dos concursos em vincular a proposta de redação à noção de gêneros textuais, enfatizando questões linguísticas e de circulação social, o que resulta, a nosso ver, uma forte influência das teorias sociointeracionistas de linguagem nas propostas de produção textual dos referidos concursos.

Palavras-chave: Escrita; Gêneros Textuais; Vestibular; ENEM.

INTRODUÇÃO

A escrita é um meio de comunicação que todo cidadão já nos primeiros anos da sua vida escolar utiliza para expressar-se. É, então, uma atividade interativa de expressão, de manifestação verbal das ideias, informações, intenções etc.

O próprio fato de argumentar exige do escritor diversas habilidades e estratégias que têm como objetivo convencer o leitor do assunto exposto e defendido. Isso quando quem escreve resolve não deixar implícito o ponto de vista. Para tanto, é necessário que a escrita seja reconhecida como um processo contínuo e nunca como um produto acabado, concepção que muitos livros didáticos ainda trabalham.

¹ Graduanda em Letras – licenciatura em Língua Portuguesa (UEPB). E-mail: kketecosta@hotmail.com

Mas, sobretudo devido aos estudos linguísticos, houve um considerável avanço na metodologia de ensino de língua e, conseqüentemente, de escrita, em que não se leva mais em consideração (em primeiro e único plano) a correção gramatical, mas o tipo de linguagem adequada para a determinada situação comunicativa.

Apesar de o homem desenvolver a língua oral primeiro, a escrita surgiu da necessidade de completar no processo de comunicação as lacunas que a fala não tinha condições de preencher e, acima de tudo, deixar os registros para a posteridade.

Segundo Garcez (2004), para escrevermos um texto precisamos determinar quais os seus objetivos, que informações serão transmitidas, qual o gênero adequado aos objetivos que pretendemos alcançar e qual estrutura de linguagem será utilizada. No entanto, é indispensável saber para quem escrever, pois assim como a fala, a escrita é uma atividade interativa e, desta forma, a existência dos interlocutores é imprescindível neste processo, mesmo que estes não estejam em presença face a face.

Dentro de uma discussão no contexto do ensino-aprendizagem de línguas, os alunos precisam ler e ter contato com o suporte textual para que eles percebam que cada gênero corresponde a uma situação e que deve ser selecionado de forma apropriada para aquilo que se pretende escrever.

Quando o concurso vestibular aproxima-se as inquietações dos alunos tornam-se constantes. Qual o tema? Qual o gênero? Como devo iniciar? Concluir? São todas estas perguntas que norteiam os pensamentos, muitas vezes angustiantes, do aluno. Isto ocorre devido à abrangência das diversidades de gêneros textuais hoje utilizados em situações de concursos vestibulares e no Exame Nacional do Ensino Médio, como o artigo de opinião, o depoimento, a carta de leitor, a carta ao editor, a notícia.

Como professora de Língua Portuguesa do ensino médio, vemos, constantemente, as produções textuais sendo escritas por alunos que têm como foco apenas o professor, pois muitas vezes não são motivados a escrever por não terem embasamento algum ou um propósito real para a produção. A visão que estes alunos têm de produzir textos reduz-se à produção escolar e não fazem referência às práticas sociais e às situações em que cada gênero atua dentro de múltiplas funções que pode exercer.

Assim, se constitui como questão-problema desta pesquisa:

– Qual a concepção de escrita subjacente nas propostas de produção textual do vestibular da UEPB e do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)?

Com base na elaboração do problema apresentado, o nosso objetivo geral é o seguinte:

- Identificar que concepção de escrita está subjacente nos enunciados das propostas de produção textual do vestibular da UEPB e do ENEM nos anos 2010, 2011 e 2012.

Com relação aos objetivos específicos, podemos destacar:

- a) Analisar os enunciados das propostas de produção textual em relação ao gênero solicitado e à sua circulação social.
- b) Analisar o direcionamento dado pelos elaboradores dos referidos concursos no sentido de fazer com que o candidato satisfaça a produção textual quanto ao gênero solicitado.
- c) Contribuir para a abordagem da produção escrita da língua em contexto de exames de avaliação, como são os casos de concursos vestibulares e do ENEM.

O concurso vestibular é a seleção para entrada de novos alunos no ensino superior. Estes realizam provas (disciplinas do ensino fundamental e médio) mais a produção textual. A UEPB, por exemplo, tem seu vestibular obrigatório todos os anos no mês de dezembro. Já o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), criado em 1998, tem o objetivo de avaliar o desempenho do estudante ao fim da escolaridade básica. Podem participar deste exame alunos que estão concluindo ou que já concluíram o ensino médio em anos anteriores.

O ENEM é utilizado como critério de seleção para os estudantes que pretendem concorrer a uma bolsa no Programa Universidade para Todos (ProUni). Algumas instituições federais também adotaram este exame como entrada dos seus novos alunos.

A escolha pelo vestibular da UEPB e pelo ENEM satisfaz as necessidades de reflexões sobre o trato com questões relacionadas às concepções de escrita em contextos de exames de avaliação e/ou concursos. Entendemos que com este estudo alcançaremos uma discussão, embora que tímida, em nível estadual – como é o caso da UEPB – e em nível nacional – como se apresenta o ENEM. Em relação aos anos selecionados das provas, destacamos que o critério adotado foi o de analisar as propostas de produção textual de concursos mais recentes, sobretudo os últimos dois anos – período em que, na condição de professora do ensino médio, vivenciei juntamente com meus alunos as discussões das propostas oferecidas pelas comissões organizadoras (embora estes dados das discussões ou das repercussões das propostas evidenciadas nos anos analisados não sejam contemplados na análise de dados desta pesquisa).

A necessidade de se refletir sobre a abordagem da escrita em tais contextos é o que mobiliza a justificativa deste trabalho de conclusão de curso, uma vez que o referido tema vem nos impulsionando a pensar sobre a escrita tendo como direcionamento esta prática social – a escrita – a partir do estudo de suas concepções em dom, produto e processo. O desenvolvimento, em maior profundidade, destas concepções se dará em trabalhos futuros em nível de pós-graduação.

A respeito da metodologia adotada neste trabalho podemos vinculá-la à pesquisa de natureza qualitativa e classificada de pesquisa documental que, segundo Oliveira (2007), caracteriza-se pela busca de informação de documentos que não receberam nenhum tratamento científico, como relatório, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, entre outros.

Deste modo, consideramos as propostas de produção textual das provas dos vestibulares da UEPB e do ENEM aqui apresentadas e analisadas como documentos, como textos oficiais de uma situação comunicativa tipicamente oficial e avaliativa. Daí, pontuarmos nossa aderência ao tipo de pesquisa documental.

2 DISCUSSÃO TEÓRICA

2.1 O que é escrita?

Responder a essa questão é uma tarefa difícil porque a atividade de escrita envolve aspectos de natureza variada, há muitos estudos sobre a escrita, sob diversas perspectivas que nos propiciam diferentes modos de responder essa questão. Apesar da complexidade que envolve a questão, não é raro que em sala de aula, que em outras situações do dia a dia, nos deparamos com definições de escrita, tais como: “escrita é inspiração”, “escrita é uma atividade para alguns”. Esta pluralidade de respostas nos faz pensar que o modo pelo qual concebemos a escrita não se encontra dissociado de modo pelo qual entendemos a linguagem o texto e o sujeito que escreve. Em outras palavras, subjaz uma concepção de sujeito escritor ao modo pelo qual entendemos, praticamos e ensinamos a escrita, ainda que não tenhamos consciência disso.

A atividade de escrita é, então, uma atividade interativa de expressão, de manifestação verbal das ideias, informações, intenções, crenças ou dos sentimentos que queremos partilhar com alguém, para de algum modo interagir com ele. Não há conhecimento, linguístico

(lexical ou gramatical) que supra a deficiência do “não ter o que dizer”. As palavras são apenas a medida ou o material com que se faz a ponte entre quem fala e quem escuta, entre quem escreve e quem lê. Escrever sem saber para quem é, logo de saída, uma tarefa difícil dolorosa, e, por fim, uma tarefa ineficaz, pois falta a referência do outro, quem todo texto deve adequar-se.

A escrita varia, na sua forma, em decorrência das diferenças de função que se propõe cumprir e, conseqüentemente, em decorrência dos diferentes gêneros em que se realiza.

2.1.1 Escrita: foco no escritor

Segundo Koch e Elias (2011), na concepção de língua como reapresentação do pensamento e de sujeito como senhor absoluto de suas ações e de seu dizer, o texto é visto como um produto lógico do pensamento (representação mental) do escritor. A escrita é entendida, então, como uma atividade por meio da qual aquele que escreve expressa seu pensamento, suas intenções, sem levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor ou a interação que envolve este processo.

2.1.2 Escrita: foco na interação

Nesta concepção, a escrita é vista como produção textual, cuja realização exige do produtor a ativação de conhecimentos e a mobilização de várias estratégias. Neste processo o produtor de forma não linear “pensa” no que vai escrever para seu leitor, depois escreve, lê o que escreveu, revê ou reescreve o que julga necessário em um movimento constante e *on line*. Deste modo, há lugar, no texto, para toda gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis quando se tem como pano de fundo o contexto sociocognitivo dos participantes da interação.

Entendemos, pois, a escrita como a atividade de produção textual que se realiza, evidentemente, com base nos elementos linguísticos e na sua forma de organização, mas requer, no interior do evento comunicativo, a mobilização de um vasto conjunto de conhecimentos do escritor, o que inclui, também, o que este pressupõe ser do conhecimento do leitor ou do que é compartilhado por ambos (KOCH; ELIAS, 2011).

2.2 Escrita: atividade sociointeracionista

O ser humano, desde sua origem, procura desenvolver estratégias de linguagem que satisfaçam relações interpessoais. Essas estratégias de comunicação humana estimulam a investigação contínua de suas formas ou possibilidades de realização. Elas são elementos fundamentais para que o homem promova interações sociais e, conseqüentemente, produza atividades comunicativas que envolvem o uso da linguagem.

Delimitando o termo linguagem, focaremos nossa atenção para o uso da modalidade escrita da língua¹: uma das mais eficazes possibilidades/estratégias de se estabelecer comunicação. Através de um sistema organizado de signos que se combinam e formam sentenças, os falantes de uma língua criam modos de manterem contato e de negociarem ações que culminam, geralmente, na consolidação dos propósitos assumidos nas mais diferentes atividades comunicativas.

É possível afirmar que a escrita materializa outra forma de comunicação verbal, a fala, tornando registrável aquilo que se perdia apenas com a emissão do som da voz e funcionando no sentido de documentar as realizações linguísticas de uma sociedade, através da impressão de fatos que, naturalmente, com o passar das gerações sofrem mudanças de naturezas cultural, econômica e social.

De acordo com Garcez (2004, p. 02), “a escrita é uma construção social, coletiva, tanto na história humana como na história de cada indivíduo”. Nesses termos, ela pode ser entendida como fruto de construções que marcam e demarcam os usos coletivos e individuais de uma sociedade que é organizada pela comunicação verbal.

Além disso, a ação de linguagem, representada aqui pela modalidade escrita da língua, possibilita a interação e fornece ao corpo social mecanismos de práticas de produção de linguagem que evidenciam a existência de uma necessidade de adequação, pois o uso da

¹ É oportuno aqui especificarmos que o termo linguagem abrange diversas formas de se promover comunicação e que, inclusive, extrapolam os limites do código linguístico – a língua. Nesse contexto, estão inseridas diferentes formas de estabelecer comunicação que são estudadas, por exemplo, pela semiologia, estudo que se interessa pelos sistemas de signos naturais, culturais e não apenas de natureza verbal, conforme Cunha, Costa e Martelotta (2008). Para nossa discussão, o que interessa é a construção de sentido/interação realizada através do uso do sistema verbal ou linguístico, que pode ser definido como um sistema de signos ou conjunto de unidades que se relaciona, organizadamente, dentro de um todo.

modalidade escrita da língua depende de situações comunicacionais que surgem a partir da imagem que um locutor faz do(s) seu(s) interlocutor(es)². Por isso,

o que vai determinar o nosso grau de familiaridade com a escrita é o modo como aprendemos a escrever, a importância que o texto escrito tem para nós e para o nosso grupo social, a intensidade do convívio estabelecido com o texto escrito e a frequência com que escrevemos. Consequentemente, são esses fatores que vão definir também nossa maturidade e nosso desempenho na produção de textos. (GARCEZ, 1998, p. 02)

Desse modo, a concepção de escrita, defendida nesse trabalho, é a que entende esta modalidade da língua como uma atividade de linguagem socialmente construída e que possui finalidades específicas no âmbito da comunicação humana, funcionando como

um meio de comunicar entre as pessoas através do tempo e do espaço. A escrita pode servir para, mútua e concomitantemente, orientar atenção, alinhar pensamentos, coordenar ações e fazer negócios entre pessoas que não estão fisicamente co-presentes como também entre as que estão presentes. Essas realizações sociais dependem do texto para induzir significados apropriados nas mentes dos receptores, de forma, que a escrita ativa mecanismos psicológicos pelos quais construímos sentidos e nos alhamos com as comunicações de outros. Essas operações psicológicas ativadas pelas práticas da escrita podem, elas próprias, induzir prazeres e evocar a atenção para nossos processos interiores de sentimento e pensamento, de forma que podemos achar que leitura e pensamento são fins em si mesmos. Apesar disso, leitura e escrita são fundamentalmente processos sociais, ligando os pensamentos, às experiências e os projetos às coletividades mais amplas de ação e crença organizadas. (BAZERMAN, 2007, p. 13)

Entendendo as práticas sociais como modos heterogêneos de se promover interação através da linguagem, é possível afirmar que a escrita, inserida nesse meio, também assumirá papéis diferentes, dependendo, assim, dos eventos comunicativos em jogo. Marcuschi (2001, p. 40) assegura que a distribuição dos papéis da escrita não é a mesma em todas as situações: “Na escola, na família ou no trabalho, a escrita tem papéis diferentes e a própria colaboração se manifesta de forma diferenciada”.

² Utilizamos as expressões locutor e interlocutor para fazermos referência à Análise do Discurso (AD), cuja comunicação verbal ou discurso (palavra em movimento) é orientado por um jogo imagético que define condições específicas de produção: a imagem que um sujeito-locutor faz quando fala, de onde fala e para quem fala.

Assim sendo, as práticas sociais vão ser reflexos de situações específicas de comunicação e interação que surgem com a finalidade de organizar as ações humanas. Dessa forma, pensar em escrita é pensar em ações que se constroem em nível social.

À luz dessa perspectiva, o ato de escrever é considerado como uma ação que tem o outro como parte definidora no processo de produção do texto. Assim, a escrita é bilateral: de um lado o escritor e de outro o leitor. Sautchuk (2003) afirma que

é deste delicado equilíbrio entre o que o indivíduo-escritor pretende como sentido (e interação) do texto e o que confirma (ou não) seu leitor coadjuvante que nascerá o texto considerado coerente pelo leitor externo. Nessa atividade comunicativa, engendrada como um verdadeiro jogo discursivo com o qual o indivíduo-escritor quer apenas que seja realizada sua intenção inicial, o texto assume em todas as suas propriedades, a sua verdadeira importância: ser o instrumento desse objetivo e realizá-lo da melhor maneira possível. (SAUTCHUK, 2003, p. 32)

Conforme apresentado, concordamos com a assertiva de que a escrita é uma construção intrinsecamente sócio-pragmática e que as questões relacionadas ao seu ensino precisam considerar a fomentação de práticas que envolvam ações interativas e que aglutinam experiências coletivas de aprendizagem.

Nesses termos, o presente artigo parte da concepção da escrita como prática social, esta que serve de base para tantos momentos importantes na vida do indivíduo. Prática que nos acompanha desde os primórdios. Para Koch e Elias (2011, p. 31)

se houve um tempo em que era comum a existência de comunidades ágrafas, se houve um tempo em que a escrita era de difícil acesso ou uma atividade destinada a alguns poucos privilegiados, na atualidade, a escrita faz parte da nossa vida, seja porque somos constantemente solicitados a produzir textos escritos (bilhetes, e-mail, listas de compras, etc), seja porque somos solicitados a ler textos escritos em diversas situações do dia a dia (placas, letreiros, anúncios, embalagens, etc).

É possível identificar algumas definições de escrita, tais como: escrita é inspiração; escrita é para poucos privilegiados; é expressão de pensamento no papel ou em outro suporte; é domínio de regras da língua; escrita é trabalho; dentre outras.

No que concerne ao processo de estratégias de escrita, tendo como foco o escritor, podemos elencar, conforme Koch e Elias (2011): a) ativação de conhecimentos sobre os componentes da situação comunicativa; b) seleção, organização e desenvolvimento das ideias, de modo a garantir a continuidade do tema e sua progressão; c) “balanceamento” entre informações explícitas e implícitas entre informações “novas” e “dadas”, levando em conta o compartilhamento de informações com o leitor e o objetivo da escrita e d) revisão da escrita ao longo de todo o processo, guiada pelo objetivo da produção e pela interação que o escritor pretende estabelecer com o leitor.

Antes de encerrarmos este tópico julgamos oportuno destacarmos as três concepções de escrita que fundamentam a discussão deste trabalho, a saber: *a escrita é um dom* – em que alguns poucos privilegiados têm, como os literatos, por exemplo – *a escrita é produto* – entendimento da escrita como algo acabado que gera, sempre, bons textos – e *a escrita é processo* – concebendo-a como fruto de construções coletivas, como sinônimo de trabalho, de esforço e de atividades não-lineares, permeadas por atos recursivos, isto é, de idas e voltas (GARCEZ, 2004). Neste trabalho nos filiamos à concepção de escrita enquanto processo.

2.3 Sobre a noção de gênero textual

No âmbito do vestibular, um dos fatores que mais “pesa” no momento da produção textual é a questão do gênero solicitado. O candidato precisa estar preparado para qualquer solicitação textual da banca elaboradora, visto que os estudos dos gêneros textuais têm se intensificado consideravelmente. Concordamos com o posicionamento de Koch e Elias (2011) quando mencionam, embasadas nas contribuições de Bakhtin, que os gêneros textuais³ são

todas as nossas produções, quer orais, quer escritas, se baseiam em formas-padrão relativamente estáveis de estruturação de um todo a que denominamos de gêneros. Longe de serem naturais ou resultado da ação de um indivíduo, essas práticas comunicativas são modeladas/ remodeladas em processos interacionais dos quais participam os sujeitos de uma determinada cultura. (KOCH; ELIAS, 2011, p. 55)

³ Do original do texto de Bakhtin (2010), gêneros do discurso.

Os gêneros textuais possuem uma diversidade muito ampla e grande heterogeneidade. Eles são o assunto preferencial no quesito produção de textos, a famosa “redação” escolar. Os candidatos ao exame vestibular e ao ENEM também devem estar atentos aos gêneros textuais, uma vez que sua diversidade acaba “atrapalhando” em algumas propostas, sobretudo no quesito estrutura. Muitos acabam não percebendo a diferença de um texto dissertativo-argumentativo para um artigo de opinião. Ou um depoimento para uma narração. Todas estas diferenças são o que baseia, também, o estudo dos gêneros textuais.

Em relação à abordagem gênero textual Pereira (2009) esclarece que

só é letrado aquele que usa a leitura ou a escrita como práticas sociais significativas na comunidade a que pertence. A compreensão da linguagem como um fenômeno interativo e do letramento como prática social da linguagem escrita ou falada nos conduzirá, necessariamente, à abordagem dos gêneros textuais, já que eles se configuram como instrumentos que regulam as atividades de linguagem. (PEREIRA, 2009, p. 114)

Ainda sobre a definição de gênero textual comungamos com Marcuschi (2005) para quem os gêneros são entidades sócio-discursivas e formas de ação social em qualquer situação comunicativa. Os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação social.

3 A ANÁLISE DOS DADOS EM FOCO

A presente pesquisa analisa os enunciados do concurso vestibular da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) 2011/2012 e DO ENEM 2010/2011. Passemos a análise do *corpus*.

3.1 VESTIBULAR DA UEPB (2011)


Figura 1: Propostas Textuais da UEPB 2011

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - Comissão Permanente do Vestibular
PRODUÇÃO TEXTUAL

PRODUÇÃO TEXTUAL


PROPOSTA 01

Escreva uma **carta** ao editor de uma Revista especializada, sugerindo a publicação de uma matéria sobre como tornar as aulas de Língua Portuguesa mais divertidas.



PROPOSTA 02

Analise a imagem e produza um **artigo de opinião** para concorrer na Olimpíada Nacional de Língua Portuguesa, argumentando sobre como a leitura pode contribuir para o leitor "dar asas à sua imaginação" ou provocar "pura curtição".



Governo de São Paulo. In: Jornal de Resenhas, maio de 2009, n. 2, p. 10.

Pág. 02 Vestibular 2011

(Fonte: http://www.comvest.uepb.edu.br/concursos/vestibulares/vest2011/PRO_TEX.pdf;

Acesso em 05 de março de 2012)

No ano de 2011, a UEPB trouxe como tema para a produção textual a Língua Portuguesa. Na primeira proposta, o gênero carta foi solicitado com o seguinte tema: Escreva uma carta ao editor de uma revista especializada, sugerindo a publicação de uma matéria sobre como tornar as aulas de língua portuguesa mais divertidas. A imagem anexada à proposta trouxe os portugueses como personagens fazendo uma referência à carta de Caminha, fazendo uma sátira como Caminha entregando a um editor (profissão que nem existia na época) a carta e ele até achando-a divertida!

O candidato, ao fazer a identificação do gênero cobrado logo também faria essa comparação com o que foi pedido e a imagem. Se ambas convergem ou não em referência ao enunciado. Uma carta (não traz modelos, nem "dicas"), ou seja, a UEPB supõe que o candidato tenha absolutamente domínio sobre a diversidade dos gêneros textuais. O candidato

também tem que estar atento ao destinatário da carta. Qual vocabulário, o tipo de linguagem, a estrutura, a saudação. Nesta proposta, o editor de uma revista especializada no assunto, isto é, alguém que já tenha conhecimento de causa e passe para os leitores da revista os professores que serão os interessados de como tornar estas aulas mais divertidas.

Ao deparar com um tipo de questão como essa o candidato tem que apresentar um bom nível de leitura, escrita e de conhecimento sobre o gênero textual solicitado. O enunciado não dará uma “ajudinha”, ou seja, só a partir da sua interpretação e de seu conhecimento de mundo que o candidato produzirá seu texto. Estando atento, também, a imagem que acompanha a proposta.

Na proposta número dois temos o artigo de opinião como o gênero solicitado: *“Análise a imagem e produza um artigo de opinião para concorrer na Olimpíada Nacional de Língua Portuguesa, argumentando sobre como a leitura pode contribuir para o leitor “dar asas à sua imaginação” ou provocar “pura curtição”*”. A linguagem não-verbal trazida para complementar o enunciado da proposta foi bem empregada, trazendo páginas de livros como asas remetendo aos contos de fadas, fazendo o candidato “viajar” pelas palavras. O gênero solicitado é, comumente, mais cobrado em sala de aula, fazendo, assim, o candidato sentir-se mais seguro no quesito organização estrutural – pelo menos dentro de uma relação hipotética aqui estabelecida.

O enunciado da proposta enfatizou a circulação social do gênero – assim como na proposta 1, direcionando o candidato para o fato de que o artigo em produção tem a finalidade de concorrer à Olimpíada Nacional de Língua Portuguesa.

Antes de indicarmos a concepção de escrita subjacente às propostas deste vestibular apresentaremos a descrição das propostas do vestibular 2012.

Figura 2: Propostas Textuais da UEPB 2012

PRODUÇÃO TEXTUAL

PROPOSTA 01

Com base na leitura dos textos a seguir, escreva um **depoimento**, para ser publicado numa revista de circulação nacional, de modo que revele para os leitores o seu/sua amigo/a especial e argumente porque ele/ela é, realmente, "para se guardar no lado esquerdo do peito".

TODO MUNDO TEM UM(A) AMIGO(A)...

**Canção da América**

Milton Nascimento
 Composição: Fernando Brant e Milton Nascimento

Amigo é coisa para se guardar
 Debaixo de sete chaves
 Dentro do coração
 Assim falava a canção que na América ouvi

Mas quem cantava chorou
 Ao ver o seu amigo partir
 Mas quem ficou, no pensamento voou
 Com seu canto que o outro lembrou
 E quem voou, no pensamento ficou
 Com a lembrança que o outro cantou

Amigo é coisa para se guardar
 No lado esquerdo do peito
 Mesmo que o tempo e a distância digam "não"
 Mesmo esquecendo a canção
 O que importa é ouvir
 A voz que vem do coração

Pois seja o que vier, venha o que vier
 Qualquer dia, amigo, eu volto
 A te encontrar
 Qualquer dia, amigo, a gente vai se encontrar.

TIRINAS
 MEMÓRIAS
 tirinas.blogspot.com

A

(Fonte: http://www.comvest.uepb.edu.br/concursos/vestibulares/vest2011/PRO_TEX.pdf;

Acesso em 06 de março de 2012)

A proposta número 01 traz o seguinte enunciado: “Com base na leitura dos textos a seguir, escreva um depoimento, para ser publicado numa revista de circulação nacional, de modo que revele para os leitores o seu/ sua amigo/ a especial e argumente porque ele/ ela é, realmente, “para se guardar no lado esquerdo do peito”. Os textos a que o enunciado se refere são as imagens de possíveis amigos com características diferentes como infantil, nerd, pobre, rico, gordo, dentre outros, e a Canção da América, de Milton Nascimento.

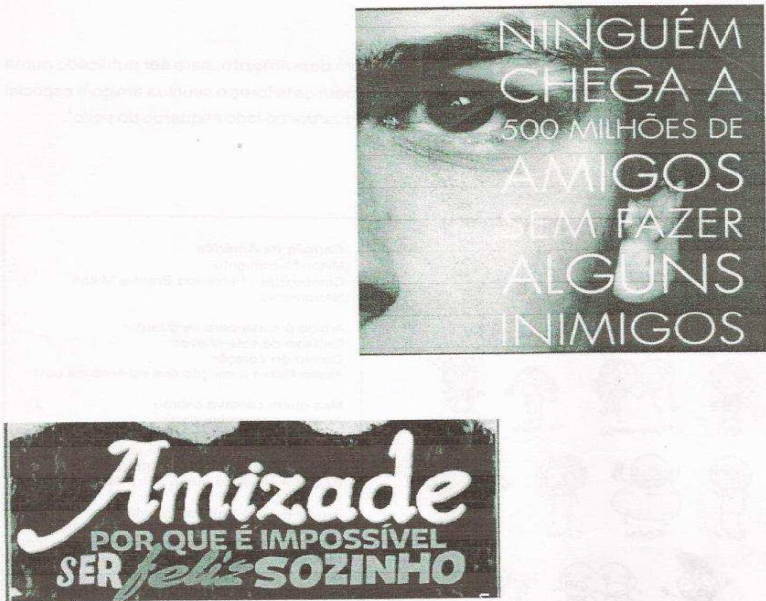
A partir desses textos o candidato seria o mais pessoal possível, já que o gênero solicitado – o depoimento – não requer tanta formalidade como um artigo: ele é por natureza subjetivo. A publicação do depoimento como traz o enunciado será em uma revista de circulação nacional para revelar aos leitores o seu/ a sua amigo (a) especial, o que compreende que, assim como em 2011, a circulação social do gênero também foi levada em consideração na construção textual do próprio enunciado.

VESTIBULAR DA UEPB (2012)

Figura 3: Proposta Textual da UEPB 2012

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - Comissão Permanente do Vestibular
PRODUÇÃO TEXTUAL

PROPOSTA 02



Os textos acima abordam a temática da amizade sob dois aspectos polêmicos.

Refleta sobre essa perspectiva temática, escreva um **artigo de opinião** para ser publicado na coluna de um jornal de seu estado e argumente seu ponto de vista com o objetivo de convencer o leitor sobre a validade de suas reflexões.

Vestibular 2012 Pág. 03

(Fonte: http://www.comvest.uepb.edu.br/concursos/vestibulares/vest2011/PRO_TEX.pdf;

Acesso em 07 de março de 2012)

A proposta número 02 converge com a proposta da mesma numeração do ano anterior no quesito gênero textual, trazendo mais uma vez o artigo de opinião. A presente proposta se estabelece a partir do seguinte enunciado: “*Refleta sobre essa perspectiva temática, escreva um artigo de opinião para ser publicado na coluna de um jornal de seu estado e argumente seu ponto de vista com o objetivo de convencer o leitor sobre a validade de suas reflexões*”.

Dois textos bem chamativos circulam na proposta: o primeiro inscrito com uma linguagem mista (verbal e não-verbal) trazendo a expressão oracional “*Ninguém chega a 500 milhões de amigos sem fazer alguns inimigos*” e a metade um rosto impresso na proposta; o segundo esta “*Amizade por que é impossível se feliz sozinho*”. Os dois textos desta proposta podem também fazer uma alusão as redes sociais que imprimem as contemporâneas formas de relacionamentos interpessoais via novas tecnologias da comunicação e da informação.

Com relação ao artigo de opinião verificamos que é um gênero muito recorrente nas propostas de produção textual do vestibular da UEPB: gênero que sugere ao candidato usar uma linguagem mais argumentativa, caracterizada pela apresentação, desenvolvimento e conclusão de ideias, bem fundamentadas, exigindo leituras diversas e atualizadas sobre os temas.

Como vemos nas propostas de 2012, a primeira consiste na produção de um depoimento para ser publicado numa revista de circulação nacional, de modo que revelasse para os leitores o seu/sua amigo/a especial e argumentasse porque ele/ela é, realmente, “*para se guardar no lado esquerdo do peito*”. A segunda proposta convergiu com a de 2011 ao solicitar, também, um artigo de opinião. O candidato refletiria sobre a temática amizade e escreveria um artigo para ser publicado na coluna de um jornal de seu estado, argumentando seu ponto de vista com o objetivo de convencer o leitor sobre a validade de suas reflexões. Através destes enunciados percebemos que o candidato tem que ter o conhecimento da escrita, bem como da estrutura dos gêneros textuais requisitados.

Podemos identificar nas propostas dos vestibulares da UEPB uma aproximação da concepção de escrita enquanto processo, uma vez que percebemos uma preocupação dos elaboradores em conduzir o candidato para o eixo da interação, para a noção de comunicação social permeada pelo uso dos gêneros em suas situações efetivas, principalmente por fazer com que o candidato reflita sobre a circulação social do gênero, enfatizando questões

linguísticas como a utilização de uma linguagem que satisfaça as necessidades funcionais a que os gêneros solicitados se prestam, mas também questões de natureza sociocomunicativas.

Passemos para a apresentação das propostas de produção textual do ENEM 2010/2011.

3.2 ENEM (2010)

Figura 4: Proposta de Redação do ENEM 2010

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Com base na leitura dos seguintes textos motivadores e nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma culta escrita da língua portuguesa sobre o tema **O Trabalho na Construção da Dignidade Humana**, apresentando experiência ou proposta de ação social, que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

O que é trabalho escravo
Escravidão contemporânea é o trabalho degradante que envolve cerceamento da liberdade

A assinatura da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888, representou o fim do direito de propriedade de uma pessoa sobre a outra, acabando com a possibilidade de possuir legalmente um escravo no Brasil. No entanto, persistiram situações que mantêm o trabalhador sem possibilidade de se desligar de seus patrões. Há fazendeiros que, para realizar derrubadas de matas nativas para formação de pastos, produzir carvão para a indústria siderúrgica, preparar o solo para plantio de sementes, entre outras atividades agropecuárias, contratam mão de obra utilizando os contratadores de empreitada, os chamados "gatos". Eles aliciam os trabalhadores, servindo de fachada para que os fazendeiros não sejam responsabilizados pelo crime.

Trabalho escravo se configura pelo trabalho degradante aliado ao cerceamento da liberdade. Este segundo fator nem sempre é visível, uma vez que não mais se utilizam correntes para prender o homem à terra, mas sim ameaças físicas, terror psicológico ou mesmo as grandes distâncias que separam a propriedade da cidade mais próxima.

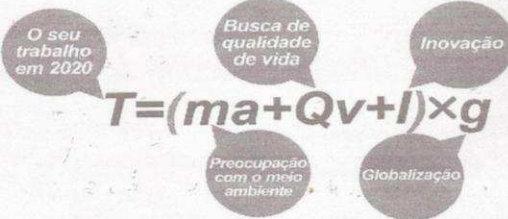
7 pontos

Disponível em: <http://www.reporterbrasil.org.br>. Acesso em: 02 set.2010 (fragmento).



O futuro do trabalho
Esqueça os escritórios, os salários fixos e a aposentadoria. Em 2020, você trabalhará em casa, seu chefe terá menos de 30 anos e será uma mulher.

Felizmente, nunca houve tantas ferramentas disponíveis para mudar o modo como trabalhamos e, conseqüentemente, como vivemos. E as transformações estão acontecendo. A crise despedaçou companhias gigantes tidas até então como modelos de administração. Em vez de grandes conglomerados, o futuro será povoado de empresas menores reunidas em torno de projetos em comum. Os próximos anos também vão consolidar mudanças que vêm acontecendo há algum tempo: a busca pela qualidade de vida, a preocupação com o meio ambiente, e a vontade de nos realizarmos como pessoas também em nossos trabalhos. "Falamos tanto em desperdício de recursos naturais e energia, mas e quanto ao desperdício de talentos?", diz o filósofo e ensaísta suíço Alain de Botton em seu novo livro *The Pleasures and Sorrows of Works* (Os prazeres e as dores do trabalho, ainda inédito no Brasil).



$T=(ma+Qv+l)\times g$

Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com>. Acesso em: 02 set. 2010 (fragmento).

INSTRUÇÕES:

- Seu texto tem de ser escrito à tinta, na folha própria.
- Desenvolva seu texto em prosa: não redija narração, nem poema.
- O texto com até 7 (sete) linhas escritas será considerado texto em branco.
- O texto deve ter, no máximo, 30 linhas.
- O Rascunho da redação deve ser feito no espaço apropriado.

(Fonte: <http://vestibular.brasilecola.com/enem/proposta-redacao-enem-2010.htm>; Acesso em 03 de abril de 2012)

ENEM (2011)

Figura 5: Proposta de Redação do ENEM 2011

Carol

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Com base na leitura dos textos motivadores seguintes e nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma padrão da língua portuguesa sobre o tema **VIVER EM REDE NO SÉCULO XXI: OS LIMITES ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO**, apresentando proposta de conscientização social que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

Liberdade sem fio

A ONU acaba de declarar o acesso à rede um direito fundamental do ser humano – assim como saúde, moradia e educação. No mundo todo, pessoas começam a abrir seus sinais privados de *wi-fi*, organizações e governos se mobilizam para expandir a rede para espaços públicos e regiões onde ela ainda não chega, com acesso livre e gratuito.

ROSA, G.; SANTOS, P. Gallieu. Nº 240, jul. 2011 (fragmento).

A internet tem ouvidos e memória

Uma pesquisa da consultoria Forrester Research revela que, nos Estados Unidos, a população já passou mais tempo conectada à internet do que em frente à televisão. Os hábitos estão mudando. No Brasil, as pessoas já gastam cerca de 20% de seu tempo *on-line* em redes sociais. A grande maioria dos internautas (72%, de acordo com o Ibope Mídia) pretende criar, acessar e manter um perfil em rede. "Faz parte da própria socialização do indivíduo do século XXI estar numa rede social. Não estar equivale a não ter uma identidade ou um número de telefone no passado", acredita Alessandro Barbosa Lima, CEO da e.Life, empresa de monitoração e análise de mídias.

As redes sociais são ótimas para disseminar ideias, tornar alguém popular e também arruinar reputações. Um dos maiores desafios dos usuários de internet é saber ponderar o que se publica nela. Especialistas recomendam que não se deve publicar o que não se fala em público, pois a internet é um ambiente social e, ao contrário do que se pensa, a rede não acoberta anonimato, uma vez que mesmo quem se esconde atrás de um pseudônimo pode ser rastreado e identificado. Aqueles que, por impulso, se exaltam e cometem gafes podem pagar caro.

Disponível em: <http://www.terra.com.br>. Acesso em: 30 jun. 2011 (adaptado).

DAHMER, A. Disponível em: <http://malvados.wordpress.com>. Acesso em: 30 jun. 2011.

INSTRUÇÕES:

- O rascunho da redação deve ser feito no espaço apropriado.
- O texto definitivo deve ser escrito à tinta, na folha própria, em até 30 linhas.
- A redação com até 7 (sete) linhas escritas será considerada "insuficiente" e receberá nota zero.
- A redação que fugir ao tema ou que não atender ao tipo dissertativo-argumentativo receberá nota zero.
- A redação que apresentar cópia dos textos da Proposta de Redação ou do Caderno de Questões terá o número de linhas copiadas desconsiderado para efeito de correção.

LC - 2º dia | Caderno 8 - ROSA - Página 1

(Fonte: <http://guiadoestudante.abril.com.br/vestibular-enem/enem-2011-redacao-644509.shtml>; Acesso em 09 de abril de 2012)

As propostas de produção textual do ENEM, diferentemente dos vestibulares da UEPB, têm como característica direcionar o candidato a uma produção de texto sem levar em consideração um gênero específico e sem fazer com que o candidato reflita sobre quem será seu interlocutor alvo, bem como a circulação social do texto – e não do gênero – solicitado. A construção do enunciado parte de textos motivadores, adjetivo utilizado pelos elaboradores das propostas de produção textual.

Isso é possível porque na situação comunicativa de vestibular, por não haver um contato prévio entre os candidatos e os elaboradores das questões, visto que se trata de um processo seletivo, não há possibilidade da realização de atividades prévias.

Os concursos podem apresentar textos na própria prova para servirem de contribuição temática, sobre a qual o candidato deverá escrever. Assim, as produções seriam resultantes dessas leituras e a escrita seria vista como consequência das informações apresentadas: (LINO; SILVA, 2010, p. 55)

Em 2010, o tema proposto foi o trabalho na construção da dignidade humana com fins ao respeito pelos direitos humanos. Já em 2011 o tema foi viver em rede no século XXI. Em ambos os anos verificamos uma preocupação significativa dos elaboradores com questões de ordens, sobretudo, estruturais como uso de linguagem padrão, coesão, coerência e aderência ao tipo dissertativo-argumentativo.

É sobre esta questão das tipologias textuais que enfatizaremos nossa análise. Como forma de visualizarmos as diferenças entre tipos e gêneros textuais apresentados a seguinte figura extraída de Marcuschi (2005, p. 23):

TIPOS TEXTUAIS	GÊNEROS TEXTUAIS
1. constructos teóricos definidos por propriedades lingüísticas intrínsecas;	1. realizações lingüísticas concretas definidas por propriedades sócio-comunicativas;
2. constituem seqüências lingüísticas ou seqüências de enunciados no interior dos gêneros e não são textos empíricos	2. constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas;
3. sua nomeação abrange um conjunto limitado de categorias teóricas determinadas por aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas, tempo verbal;	3. sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função;
4. designações teóricas dos tipos: narração, argumentação, descrição, injunção e exposição	4. exemplos de gêneros: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, aula expositiva, reunião de condomínio, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo virtual, aulas virtuais etc.

(Fonte MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.)

O trabalho com a produção escrita tomando como referência as questões tipológicas prima uma discussão que sobrepõe os processos estruturais da língua – também muito importantes! – em detrimento das questões de uso e da ação social que são postas em reflexão quando a produção escrita tem como finalidade o reconhecimento do gênero em atividade de interação social. As tipologias consideram as seqüências textuais e as suas propriedades lingüísticas enquanto que a noção de gênero traz à tona as realizações lingüísticas concretas, constituindo textos empiricamente realizáveis em práticas com funções comunicativas e interacionais específicas.

Desse modo, a forma como o ENEM constrói os seus enunciados para as propostas de produção textual prioriza não o gênero, mas a tipologia textual, podendo o candidato produzir um artigo de opinião, uma resenha ou, também, uma reportagem – com características híbridas entre argumentação e interpretação, sugerindo uma produção, também, dissertativa.

Sobre os enunciados das propostas de produção textual verificamos a repetição nos dois anos selecionados para o *corpus* deste trabalho, ocorrendo, apenas, a modificação do tema sugerido.

Se realizarmos uma análise comparativa entre as propostas dos vestibulares da UEPB e do ENEM – embora não se constitua objetivo deste trabalho! – verificaremos que a noção de gêneros está presente na UEPB, enquanto que no ENEM, a noção de tipo. Logo, no primeiro caso identificamos a escrita com foco na interação e no segundo caso com foco no escritor, conforme Koch e Elias (2011).

Nesse sentido, acreditamos que é possível, ainda, notar as implicações da concepção sociointeracionista como uma forma de se entender o funcionamento da língua, tendo em vista que a partir desta concepção se investiga as práticas plurais de escrita, contextualizadas nas esferas socioculturais.

Em linhas gerais, o exame que trabalha na perspectiva dos tipos textuais entende a escrita como um trabalho mecânico, de natureza puramente cognitiva. Logo, a escrita é concebida como produto (Garcez, 2004). Por outro lado, o concurso que trabalha na perspectiva dos gêneros textuais compreende a escrita como um trabalho interativo sociocognitivo, dialogando com uma concepção de escrita enquanto processo e atividade social – eis o parágrafo que, na nossa visão, corresponde à “caixa-preta” deste trabalho de conclusão de curso, o que responde a questão-problema desta pesquisa: “Qual a concepção de escrita subjacente nas propostas de produção textual do vestibular da UEPB e do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)?”.

O que identificamos nesta análise é que as propostas do ENEM parecem apresentar uma concepção de escrita como produto.

O que parece importar é o texto-produto, visto que não são oferecidas as condições de produção que fazem da escrita um processo, como interlocutor suporte de publicação, situação comunicativa. O que parece ser requerido nessas produções é que o aluno demonstre conhecer bem o tema. (LINO; SILVA, 2010, p. 71)

Essas são as preocupações dos candidatos: tentar acertar o tema e demonstrar que sabem usar a escrita em conformidade com a tipologia textual requisitada. Esta constatação leva-nos a considerar que: as provas, especificamente do ENEM, parecem não distinguir situações de produção escolar de situações de produção em contexto de seleção e parecem crer que um texto é resultado de uma combinação de elementos sequenciais unicamente de

ordem textual e não um equilíbrio entre tais elementos e fatores sociocomunicativos que só entram em ação quando o texto e sua produção são pensados através da concepção de gêneros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As situações comunicativas propostas na prova em contexto avaliativo, assim como acontece normalmente na escola, não se concretizam efetivamente, mas servem para orientar a escrita dos candidatos, de modo que não pensem que a escrita é um dom e, portanto, que não é necessário conhecer o objetivo do texto nem o interlocutor antes de escrever.

A partir das análises aqui trazidas, percebemos como a escrita e a sua prática tornam-se cada vez mais importantes. Os enunciados das propostas analisadas neste trabalho nos mostram a influência que as teorias sociointeracionistas da linguagem vem exercendo no trato com a língua, seja ela em que modalidade for – escrita ou falada – em contextos escolares ou não.

Embora estejamos submersos num discurso que prega a interdisciplinaridade e o trabalho contextualizado, em relação às concepções de escrita e à noção de gêneros textual precisamos reavaliar práticas e conceitos. Não estamos de forma nenhuma condenando a forma como o ENEM elaborou suas propostas de produção textual, nem exaltando as propostas dos vestibulares da UEPB. Não! O nosso interesse foi o de identificar, de modo analítico, que concepções de escrita subjazem a estas propostas, fazendo com que pensemos mais sobre se o que se está sendo posto, de fato, corresponde a filiações teóricas que concebem a língua como resultado de ações sociointerativas e processuais.

Considerando a minha experiência como professora do ensino médio, o presente artigo alcançou os objetivos aqui trazidos. E enalteceu minha prática de ensino voltada para esse âmbito que é o concurso vestibular e o ENEM. As práticas de escrita, assunto este que não sairá nem tão cedo das aulas de graduações, podem sim serem (re) avaliadas, para que possamos de alguma forma preparar melhor nossos alunos para a escrita.

Sendo assim, voltemos a um dos objetivos específicos assumidos neste trabalho: a) analisar os enunciados das propostas de produção textual em relação ao gênero solicitado e à sua circulação social – a noção de gênero textual e de sua circulação atravessa, sobretudo, as propostas do concurso vestibular da UEPB, apesar de obviamente a primazia dada pelo ENEM a noção de tipologia textual desemboque na produção de um gênero. Não há como

afirmar que o ENEM não considere a noção de gênero, mas em seus enunciados das propostas de produção de texto não há evidências linguísticas que provem tal noção.

Em suma, defendemos a relevância de discussões acadêmicas desta natureza no sentido de fomentar posturas teórico-metodológicas que se vinculam à concepção sociointeracionista de língua: caminho propício para o trato com as modalidades da língua, no nosso caso a modalidade escrita, cada vez mais fundamentado em práticas inerentemente sociais.

ABSTRACT

This paper discusses the concepts of writing these statements in the book writer for the college entrance examination of UEPB (Paraíba State University) in the years 2011/2012, as well ENEM (National High School Exam) in 2010 and 2011, performing a social interactionist approach. Accordingly, its purpose was to analyze the proposals of textual production of those contests, mitigating the issue of the importance of such an approach to textual genres. With regard to the concepts of theoretical contributions had written Bronckart (2006), Bazerman (2006) and Garcez (2004), about the kinds of texts and practices of literacies received contributions of Birth and Zerondi (2009), among others. The results indicate a concern of the drafters of the proposed link contests in writing to the notion of textual genres, emphasizing language issues and social movement, which results, in our view, a strong influence of the theories proposed in sociointeractionists language production text of those contests.

Keywords: Writing, Genres, Textual, Vestibular, ENEM.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. *Aulas de Português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola, 2003.

BAZERMAN, C. A escrita da organização social e o *locus* do letramento na cognição: estendendo as implicações sociais da escrita de Goody. In: _____. *Escrita, gênero e interação social*. São Paulo: Cortez, 2007, p. 13-44.

BRONCKART, J. P. Os gêneros de textos e os tipos de discurso como formatos das interações propiciadoras de desenvolvimento. In: MACHADO, A. R., MATÊNCIO, M. L. L. (Orgs.). *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2006, p. 121-160.

CUNHA, A. F.; COSTA, M. A.; MARTELOTTA, M. E. Linguística. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 15-30.

GARCEZ, L. H. C. *Técnica de redação: o que é preciso saber para bem escrever*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *A escrita e o outro: os modos de participação na construção do texto*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

LINO, D.; SILVA, E. *Redação de vestibular em questão: práticas, conceitos, discursos e efeito retroativo*. Campina Grande – PB: Bagagem, 2010.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, A. P. MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 19-36.

_____. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. In: SIGNORINI, I. (Org.) *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 2001, p. 23-50.

NASCIMENTO, E. L.; ZIRONDI, M. I. **Gêneros textuais e práticas de letramento**. In: NASCIMENTO, E. L. (Org). **Gêneros textuais: da didática das línguas aos objetos de ensino**. São Carlos – SP: Claraluz, 2009, p. 249-288.

OLIVEIRA, M. M. *Como fazer pesquisa qualitativa*. Petrópolis – RJ: Vozes, 2007.

PEREIRA, R. C. A construção social e psicológica do texto escrito. In: _____; ROCA, P. (Orgs.). *Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 113-142.

SAUTCHUK, I. *A produção dialógica do texto escrito: um diálogo entre escritor e leitor interno*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VIEIRA, I. F. *Escrita, pra que te quero?* Fortaleza: Edições Democrático Rocha, UECE, 2005.